

MARIA LUCIA PETIT DA SILVA

Nasceu em Agudos, Estado de São Paulo, a 20 de Março de 1950

Curso o primário, o ginásial e os 2 primeiros anos do curso normal, em Duartina, vindo a concluí-lo em São Paulo, no Instituto de Educação Fernão Dias, bairro de Pinheiros, em 1968, quando participou do movimento estudantil secundarista.

Em 1969, prestou concurso para o Magistério. Foi professora da rede municipal, lecionando na EMPG Tte. Aviador Frederico Gustavo dos Santos, Vila Nova Cachoeirinha; entusiasmava-se com sua experiência com crianças da Zona Norte de São Paulo.

Em inícios de 1970, fez sua opção política: desenvolver seu trabalho no interior do Brasil. Militante do PC do B foi para o interior de Goiás e logo após para o Sul do Pará.

Em 1972, o Exército Brasileiro cercou a região do Araguaia, onde se encontrava Maria Lucia, e aí reprimiu a guerrilha que se desenvolveu, em consequência da forte repressão militar.

Segundo depoimento de alguns sobreviventes, no dia 16 de Junho de 1972, ao se aproximar da casa de um camponês, Maria Lucia foi fuzilada por tropas do Exército, sob o comando do Gal. Antonio Bandeira, da 3ª Brigada de Infantaria.

Maria Lucia foi morta em plena juventude por tentar manter vivos ideais de liberdade e justiça social no período da ditadura pós 64.

Sua família não recebeu até hoje o comunicado oficial de sua morte, um atestado de óbito, por parte das Forças Armadas, nem sequer a informação do paradeiro de seus restos mortais.

.....

As primeiras horas do dia 16 de junho de 1972, a menos de 2 Km da casa do "João Coioiô", JAIME (Jaime Petit da Silva), DANIEL (Daniel Ribeiro Callado) e eu, fomos acordados com o disparo de um tiro ao longe e um outro tiro em seguida. Da mesma direção dos sons dos disparos, metralhadoras foram acionadas, quando o ruído distante de um helicóptero em movimento, tornava-se próximo das imediações. Estávamos acampados na retaguarda para aguardar MARIA (Maria Lucia Petit da Silva), CAZUZA (Miguel Pereira dos Santos) e MUNDICO (Rosalindo de Souza) para ajudá-los no transporte dos mantimentos encomendados ao "João Coioiô". Retiramo-nos imediatamente e, ao final da tarde, acampamos nas cabeceiras da chamada Grota da Cigana. Momentos mais tarde, enquanto preparávamos o jantar, milho maduro em água de sal, cozido em fogo brando para esperar os três companheiros ausentes, surgiram CAZUZA e MUNDICO, ensopados de suor e aflição. Perguntei pela MARIA e a resposta do CAZUZA foi direta e crua: "a reação a matou".

No dia anterior, os três viajaríamos para apanhar as sacas de farinha e outros víveres, já pagos, a serem comprados em São Geraldo-PA por "João Coioiô", um dos tropeiros da estrada do Pará da Lama. A data combinada para a entrega das mercadorias estava marcada para o dia 16 de junho de 1972, pela manhã.

MARIA acordara febril e menstruada. Enquanto eu mudava o curativo de uma ferida de leishmaniose no dorso da sua mão esquerda, conversávamos sentadas na mesma rede. Ela não aceitou ser substituída naquela tarefa, pois acreditava ser a sua relação de amizade com a família "Coioiô" a mais forte do grupo. Era ela a prometida madrinha do terceiro filho que "Lazinha" esperava do "João Coioiô".

MUNDICO contou, então, o ocorrido.

Na tarde de 15/6/72, os três transitavam por um trecho da estrada do Pará da Lama quando, casualmente, encontraram-se com um trabalhador da região conhecido por "Chína", que os viu encaminharem-se à picada em direção à morada do "João Coioiô". Souberam através do "China" que não havia tropas militares naquelas proximidades.

Aos fundos da casa do "João Coioiô", dentro da mata, armaram suas redes para, na manhã seguinte, conduzirem as sacas de farinha e outras mercadorias compradas.

Durante várias horas da noite ouviram ruídos de homens e animais em movimento constante, fazendo-os supor que fosse a tropa de burros chegando com o material adquirido em São Geraldo-PA. Em deter

minado momento, CAZUZA e MUNDICO perceberam alguns sussurros masculinos que interpretaram como "mata, mata", do verbo matar.

As 6h da manhã, não associaram a movimentação da noite anterior ao silêncio daquele amanhecer: os cachorros não latiram e não havia sinal aparente de vida naquela casa. Criou-se um clima de desamparo diante daquela atmosfera triste, mas a ação de recolher a comida foi condição mais forte.

MARIA, à frente. Ainda na escuridão da mata, MUNDICO e CAZUZA seguiam-na à curta distância. Quando saiu da penumbra, andou alguns passos e foi iluminada pela claridade do dia, ouviram-se dois tiros, intercalados por segundos. MUNDICO chegou a vê-la caindo e a ouvir seus gemidos de dor "ai, ai, ai", antes do estrondo provocado pelas metralhadoras tocadas na lama do quintal.

MUNDICO e CAZUZA jogaram-se de volta ao interior da mata, em direção oposta à origem das balas que já os alcançavam.

.....

"Dona Valdô", filha do "Souza Lima" e mulher do "Seu Manoel", nossa vizinha mais próxima, falou em tom de lamento: "Coitada da finada MARIA. 'Coioiô' quando viu a finada sendo levada pelos 'federais', enrolada em um cobertor ensanguentado, sofreu uma crise de nervos e se borrou todinho na hora. O corpo tremia inteiro e não parava em pé. Tiraram ele e a família de lá. Ninguém mais soube deles".

.....

Quando estive presa na base militar de Xambioá-GO, alguns oficiais mostraram-me objetos do seu uso pessoal: um par de chinelos de sola de pneu com alças retorcidas de nylon azul claro, e uma escova de dentes de cor amarela e com o cabo quebrado. Reconheci tais objetos que realmente pertenciam à MARIA, que os guardava em um bernal de lona verde, permanentemente usado a tiracolo. Afirmaram que fora enterrada em São Geraldo-PA, cidade em frente e separada de Xambioá-GO pelo rio Araguaia.

.....

Em Brasília-DF, no presídio da 3ª Brigada de Infantaria, em agosto de 1972, o general Antonio Bandeira, então seu comandante, disse que MARIA fora morta por um recruta inexperiente, logo retirado daquela área. O recruta, segundo o general, viu MARIA como se fosse um meni

no, caminhando cauteloso e atento, portando uma espingarda. "Parecia um veadinho cismado, à espreita do perigo", disse o general. Considerou MARIA como "uma menina de 17 anos que nem seios possuía" e afirmou que os exames realizados por médicos militares em seu corpo sem vida, constatarem que ela era virgem aos 22 anos de idade.

.....

Em entrevista gravada pelo padre francês Aristides Camio, em 1984, quando exercia seu ministério naquela região, "Dona Nenzinha", parteira da estrada do Pará da Lama e moradora próxima da casa do "João Coioio", confirmou a morte da MARIA e disse ter sido o próprio "João Coioio" quem avisou as Forças Armadas sobre o dia marcado para a visita dos três companheiros. Segundo ela, a emboscada preparada ao redor daquela casa, era composta por muitos militares distribuídos entre as árvores mais próximas e sobre o paiol de milho. Disse ainda que, na noite seguinte à morte da MARIA, os guerrilheiros retornaram àquele local e mataram os cachorros do "João Coioio".

Essa informação não confere, pois, nenhum de nós voltou àquela casa. Pode ser associada às palavras ouvidas pelo MUNDICO e pelo CAZUZA, "mata, mata", dirigidas aos cachorros da casa, farejadores e denunciadores de presenças estranhas que, no caso, poderiam ser as dos próprios militares.

.....

No dia 15 de junho de 1972, MARIA usava calças compridas de brim cinza, camisa cáqui, botinas de cor marrom e um bernal de lona verde atravessado no peito, a tiracolo. Na cintura, um cinto de couro que sustentava, do lado esquerdo, um revólver de calibre 38, com 6 balas no tambor, e do lado direito, um facão medindo cerca de 50cm de comprimento, protegido por uma bainha de couro. Levava uma espingarda de calibre 20, carregada com um cartucho, verde, de calibre correspondente. Usava óculos de grau e um relógio de pulso, com a pulseira feita de couro de veado.

De dentição perfeita, com exceção do primeiro molar superior esquerdo, cujo bloco havia caído e, com o tempo se quebrara, permanecendo, entretanto, um pedaço do dente e a sua raiz, MARIA era ligeiramente estrábica e, na época, usava os cabelos cortados bem curtos, mas vastos e pretos.

.....

Regilena C. Leão de Aquino
Regilena Carvalho Leão de Aquino